

Limites e respeito, lado a lado na vida de uma criança

Um debate sobre como impor limites, sem exageros, numa época de liberdade desenfreada

AMANDA GONÇALVES E JORGE ALVES

Elas reclamam, brigam e fazem cara feira. A imposição de limites na vida de uma criança não é sempre fácil. A infância é uma época de grande desenvolvimento psicológico e mental, junto com o aprendizado das normas sociais, que devem ser seguidas durante a vida inteira. Mas, no início, é difícil estabelecer até onde uma criança pode ir. Algumas querem ir fantasiadas para a escola todos os dias, outras arranjam briga com os colegas. Convencê-las que não devem se vestir de cowboy para sair na rua, ou que não devem bater nos amigos só porque viram isso na televisão, é um trabalho difícil para os pais e até mesmo para os professores. Limites que, para as crianças, ainda são barreiras quase invisíveis.

É cedo que os pais costumam inserir suas crianças na vida



Crianças se preparam para uma brincadeira na hora do recreio

social: elas são levadas para brincar em parquinhos, praças e acabam conhecendo outras crianças de idade semelhan-

te. Nesse primeiro contato, a criança desconhece as regras do mundo, como se portar, como falar (se já tiverem aprendido),



Simone e seus alunos durante a aula

como agir. É trabalho dos pais inseri-la de forma segura na sociedade. Esses são os primeiros limites impostos a uma criança.

"Até o psicólogo me dar o laudo da doença, tive muita dificuldade para lidar com ela. Não pensava que era um problema tão sério"

Valéria

precisam ter respeito em troca:

– Criança nasce sem noção de nada e aos poucos vai se desenvolvendo. Cada uma exige de seus pais um tipo de papel. A partir dos dois anos, a criança é inserida na vida social. Os pais precisam ensinar que ela não deve se expor a perigos, noções de higiene e de convivência, mas o importante é que esse aprendizado seja feito com respeito. A

Doutora em Psicologia Clínica e professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, a psicóloga Maria Inês Bitencourt afirma ainda que além de ter estipulados os seus limites, as crianças

criança, para respeitar os limites que são dados, precisa entender que ela vai ser respeitada também, ou seja, não invadindo o espaço do outro, você terá o seu espaço garantido.

Apesar de terem regras impostas, as crianças já esperam esses ensinamentos para que saibam se comportar em diferentes situações. Professora e mãe de duas meninas de 11 e 12 anos, Valéria Navas acredita que as crianças esperam o exemplo dos pais para saberem quais atitudes devem ser tomadas, mesmo que às vezes até os próprios pais estejam errados:

– Tentamos educar da melhor maneira e, muitas vezes, confiamos na mesma maneira que os limites foram impostos para nós pelos nossos pais. Mas eu vejo isso como algo essencial para as crianças, até porque elas esperam isso da gente. É uma maneira de saber como agir em determinadas situações. Temos que dar exemplos de como ela deve se portar em determinados lugares. Se estivermos num

hospital, pedirei para fazerem silêncio, se estiverem na escola, pedirei para respeitarem os professores. Erramos algumas vezes, mas tentando acertar, afinal não sabemos tudo, apesar de sermos mães.

O papel da escola

A escola assume um papel menor no primeiro momento da educação de uma criança. Apesar de ser de extrema importância, os limites apresentados na escola só serão completamente respeitados se a família da criança ensiná-la como agir com outras crianças e com os professores. Num tempo onde os professores não possuem tanta autoridade nas salas de aula, Maria Inês acredita que eles perdem força no desenvolvimento psicológico da criança.

– A escola é secundária. Hoje, a escola joga toda a responsabilidade para os pais, porque a professora não tem autoridade. Mas a escola tem que fazer com que os alunos a respeitem. Quando as regras são burladas, tem que haver castigos proporcionais à idade da criança.

Os castigos podem fazer um aluno até perder o recreio, mas é importante também avaliar essa punição de acordo com cada aluno. Esse é o trabalho de Simone de Paula Nascimento, coordenadora pedagógica e professora da escola Recreio Infantil, em Niterói. Para ela, os alunos devem arcar com as consequências, caso desrespeitem colegas ou professores. Simone diz que devem aprender que desrespeitar não é o certo e entender que isso não pode ficar

impune. Mas cada punição tem que ser estudada separadamente: para os pequenos é na base da conversa e para os mais velhos, ficar na sala de aula na hora em que os amigos estão brincando.

– Nós evitamos punir os mais novos, eles não entendem a punição e isso acaba ficando sem sentido. Com eles, o trabalho é mais na conversa. O retorno tem sido melhor quando tentamos colocar eles nos lugares dos outros. Já os mais velhos, do terceiro, quarto, ou quinto ano, ficam sem recreio de vez em quando para que a falta de respeito não continue – explica Simone.

Maria Inês concorda com o pensamento da pedagoga. Para ela, além de ser necessária essa punição, é preciso que os pais apresentem firmeza com os filhos.

– Os pais deixam fazer tudo achando que estão compensando a ausência de alguma forma. Cada idade exige um grau de firmeza, mas sem humilhar, sem bater, sem castigos exagerados, como ficar sem ver televisão por um mês, porque o tempo da criança é imediato. Não adianta impor uma coisa que ela não vai conseguir fazer. Tem que ter firmeza e respeito.

Mas também é obrigação da escola atuar em conjunto com os pais para ajudar na formação psicológica da criança. Para uma formação de qualidade, as regras estipuladas na escola devem ser reforçadas em casa. Uma cumplicidade necessária para a melhor formação do aluno.



Valéria (vestido colorido) com suas filhas, Giulia (amarelo) e Ana Clara (preto)

– Quando vemos um problema, interferimos até o ponto que podemos como educadores. Falamos sempre que na escola não devem ser feitas certas coisas, que na escola é assim ou assado. Se ela está com algum problema que nós percebemos que se origina de casa, chamamos os pais e conversamos. Já encaminhamos algumas crianças para a psicóloga, e muitas vezes isso tem demonstrado que a criança não tem nada, é somente falta de limite, falta de um pulso forte em casa. Na escola, estamos atentos às dificuldades da criança em todos os momentos, tanto no convívio, como na parte cognitiva e social. Sempre intervimos – ressalta a pedagoga.

Um pulso forte pode resolver muitas situações, mas, para Valéria, só isso não resolveu. Sua filha mais nova, Giulia, 11 anos, sofre de transtorno bipolar e por conta disso a mãe já passou por momentos difíceis para conseguir educá-la:

– Até o psicólogo me dar o

laudo da doença, tive muita dificuldade para lidar com a Giulia. Não pensava que era um problema tão sério. Achava que não estava dando uma educação correta e por isso precisava impor melhor os limites.

Valéria ficou mais aliviada ao saber que o caso da filha não era tão grave e que ela não ficaria dependente de remédios. No caso dela, o tratamento pode ser feito sem medicamento. A psicóloga mostra como agir em diferentes situações, e ensina como se controlar em momentos de irritação. Isso contribuiu muito para melhorar o relacionamento dela com a família.

Ana Clara, 12 anos, já não deu tanto trabalho à mãe. Porém, agora que está na pré-adolescência, tem se irritado frequentemente e sempre questiona as ordens dos pais. Valéria diz que no fim a menina acaba acatando o que foi pedido, porque percebe que é o melhor a ser feito:

– Ela não gostava de fazer natação. Mas, num determinado

momento, reconheceu que fazer uma atividade física era o melhor para a saúde dela, já que está em fase de crescimento. O mesmo ocorreu com a alimentação. Houve uma época que ela não comia quase nada e eu comecei a obrigá-la a comer determinados alimentos. Ana Clara ficou muito irritada, mas depois de três anos veio me falar que se eu não tivesse feito isso, ela estaria até hoje sem comer quase nada. Às vezes temos que passar por um mal necessário.

A educação vinda de casa e a escola formam a base psicológica da criança, e para que o processo ocorra sem problemas, é necessária uma boa interação entre ambos. Em suas reuniões pedagógicas com os pais dos alunos, Simone sempre frisa a necessidade de se estipular limites para as crianças.

– Nas reuniões de pais, nós sempre falamos sobre limites, porque é muito complicado dar essa função, exclusivamente, para a escola e há famílias que se eximem completamente disso. Quando conversamos com os pais daqueles alunos que necessitam de mais atenção, nós mostramos a eles que estamos educando os filhos deles para a sociedade, para que se ajustem, e para isso são necessários limites. Se a família não nos ajuda nessa tarefa, fica muito complicado. É uma união entre os pais e a escola para dar limite ao aluno, ao cidadão e à vida – conta a pedagoga.

E os alunos que têm mais liberdades? Como educá-los? Alunos do sétimo ao nono ano do ensino fundamental do Ginásio Expe-



A psicóloga, Maria Inês Bittencourt

rimental de Novas Tecnologias Educacionais mostram um caminho diferente na educação: mais autonomia no seu estudo. Para Simone, apesar de serem mais velhos, ainda há cuidados que devem ser tomados na imposição de seus limites. Ela alerta sobre uma criança que prefere uma matéria à outra: se não houver um bom controle do professor, o aluno corre o risco de ter uma educação pobre em algumas áreas do conhecimento.

– Se a criança só quiser ir numa linha de conhecimento, no futuro vai ser ruim para ela. No Brasil, ainda há um direcionamento para o vestibular, para o Enem, então há conhecimentos que são necessários para entrar nessa etapa do ensino superior. Ao escolher o que quer aprender, a criança aprende com muito mais facilidade. Há formas de produzir isso na escola. Os projetos sempre nascem em rodinhas de conversa de interesses das crianças e a partir disso, fazemos uma associação com a parte social, a linguagem e a matemática – acredita Simone.

Escola Gente

Mais autonomia para os alunos na hora de estudar e novas ferramentas de ensino, como netbooks, são o carro chefe do Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais (Gente), que começou a atender, em janeiro deste ano, cerca de 180 alunos do sétimo ao nono ano do ensino fundamental na escola municipal André Urani, na Rocinha. Baseado em escolas experimentais da Europa e dos Estados Unidos, o projeto é o primeiro a ser implantado numa escola municipal do Rio de Janeiro. O investimento custou R\$ 3,5 milhões, sendo que R\$ 2,5 milhões vieram de empresas parceiras para financiar o treinamento de professores, desenvolvimento de programas educacionais e equipamento.

A escola experimental reúne crianças de diferentes idades numa mesma sala de aula, sob a orientação de professores. Não há mais paredes dividindo a sala, carteiras enfileiradas e quadro negro. A grande diferença em relação às escolas tradicionais é o suporte tecnológico – um netbook para cada criança – e a liberdade que o aluno tem: cada um escolhe qual tarefa deseja fazer individualmente ou em grupo. Além do auxílio de professores, cadernos e apostilas, os alunos dispõem de laboratório de ciências, quadra poliesportiva, piscina e refeitório.